



# RECORTES DE IMPRENSA

MAIO 2014



COM O APOIO:





## Batalha Violência doméstica em conferência

*(Dis)*Pensamos a Violência é o tema de uma conferência sobre violência doméstica, a realizar na terça-feira, no auditório municipal da Batalha. O encontro tem início marcado para as 14:30 horas e contará com a participação da secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, Teresa Morais, e de representantes da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), da GNR, do Ministério Público e do Tribunal Judicial de Leiria.



## Conferência debate violência doméstica

A violência é o tema central de uma conferência que reúne juizes, magistrados, elementos das forças de segurança e representantes das vítimas, dia 6, no auditório municipal da Batalha.

“(Dis)Pensamos a violência” é o tema em debate, a partir das 14h30, numa iniciativa que conta com a participação, entre outros, de Miguel Rodrigues, procurador da República Adjunto

e Gil Vicente Silva, juiz e Carlos Moreira Ramos, tenente coronel da GNR e Daniel Cotrim, da direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. A violência doméstica é um dos temas centrais em discussão numa iniciativa que contará com a presença de Teresa Morais, secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, na cerimónia de encerramento, agendada para as 17 horas.



## histórias

Texto Marta Martins Silva

## Perseguidos e ameaçados

STALKING SIGNIFICA ASSÉDIO PERSISTENTE.  
A ATRIZ PATRÍCIA TAVARES LEVOU CASO A TRIBUNAL

Rita não queria ter uma relação com Jorge. Jorge queria ter uma relação com Rita. Esta história tinha tudo para deixar de o ser antes do primeiro capítulo se Jorge não tivesse desenvolvido uma fixação mórbida pelo objeto do seu desejo que incluía perseguições, ameaças e chantagens ininterruptas. “Isto transtornou-lhe o dia a dia, as rotinas básicas, mudou-lhe a vida. Vivía num estado de hipervigilância permanente. Para conseguir dormir tinha de trancar a porta do quarto. Não tomava banho se estivesse sozinha em casa. Chegou a um ponto em que deixou de ir às compras, de sair com amigos, de fazer tudo o que habitualmente fazia, com receio de que ele estivesse à espreita, à espera”, pronto para atacar a qualquer momento. Fechou-se em casa.

Rita foi vítima de stalking: uma palavra sem tradução direta para português, mas que se pode explicar como um padrão de assédio persistente. “Não é um ato isolado, antes uma campanha de comportamentos que violam a privacidade e indivi-

dualidade da vítima e que são indutores de sofrimento e mal-estar para quem os recebe”, explica Célia Ferreira, do Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal, a quem Rita contou a sua história. Tal como ela, estima-se que dois milhões de portugueses (19,5%) já foram alvo deste tipo de assédio. Patrícia Tavares é o caso mediático mais recente: a conhecida atriz levou a tribunal um engenheiro civil, que acusa de a ter perseguido e ameaçado durante um ano.

Antes dela, António Manuel Ribeiro, vocalista dos UHF, passou por idêntico pesadelo. Durante anos foi perseguido por uma fã que chegou a ameaçá-lo de morte e castração com ácido sulfúrico. A mulher perseguiu o músico na via pública, vigiou-o à porta de casa, de consultórios médicos e de estádios. O caso, que teve início em 2004, teve de ser resolvido em tribunal, com a condenação da mulher – em 2010 – a dois anos de cadeia com pena suspensa pela prática de cinco crimes: dois de ameaça agravada, dois de perturbação da vida privada e um de injúria. Esta é a única escapatória legal das vítimas dos stalkers em



**Patrícia Tavares acusa um engenheiro civil de a ameaçar e perseguir durante um ano**

**Estima-se que dois milhões de portugueses já tenham sido alvo de stalkers**



Portugal: criminalizar individualmente os vários crimes praticados (ver caixa). “A primeira atenção ao fenómeno do stalking foram precisamente as situações que envolviam figuras públicas, mas a investigação veio mostrar que pode acontecer a qualquer pessoa”, garante a investigadora da Universidade do Minho.

“A maioria dos casos envolve intervenientes conhecidos e muitas vezes ex-parceiros. Um dos cenários mais frequentes surge após a rutura de uma relação de intimidade em que uma das partes não aceita a rejeição e inicia uma campanha de assédio persistente.” Inicialmente, o agressor tenta a reconciliação, mas se continua a ser rejeitado, acaba por desenvolver “um de-





AS MULHERES E OS JOVENS (ENTRE OS 16 E OS 29 ANOS) SÃO AS PRINCIPAIS VÍTIMAS

sejo de vingança. Muitas vezes, a relação já tinha uma trajetória semelhante", explica.

#### O inimigo mora ao lado

Foi o que aconteceu com Isabel Pires, que aos 50 anos conheceu "um homem muito agradável" – aparentemente – que em pouco tempo lhe transformou "a vida num inferno". "O meu ex-companheiro tinha delírios de ciúmes e começou a controlar a minha vida toda. Estava sempre a vigiar-me, estacionava o carro à porta do meu emprego, vasculhava o cesto da roupa suja e acusava-me de ter esperma nas cuecas. Vim a saber posteriormente que durante três anos teve um câmara de filmar permanentemente ligada na minha casa, a seguir todos os

**"Estava sempre a vigiar-me, estacionava o carro à porta do meu emprego"**

**Isabel Pires**

meus passos." O final da relação de oito anos com este homem foi tudo menos pacífica. "Achara que quando nos separássemos, ia deixar de me perseguir, mas o que é certo é que continuou. Eu queria arrumar as coisas e ele não deixava, telefonava para o meu trabalho a perguntar com quem é que eu estava a f\*\*\* no gabinete, dizia mal de mim, difamava-me de todas as formas possíveis e imaginárias. Tinha medo de sair de casa, medo que ele atentasse contra mim."

O stalker de Beatriz também era um ex-companheiro. Informado com o final do namoro, não lhe largava a porta de casa – Beatriz chegou a desligar a campainha para não viver permanentemente em terror –, nem os contactos de telefone

fixo e telemóvel, numa torrente de mensagens e chamadas sem fim, a maioria com ameaças à sua integridade física. Tanto que os pais da jovem foram obrigados a mudar de casa (e de números de telefone), porque o perseguidor colocou fotos na internet do sítio onde moravam. Na web espalhou também imagens da ex-namorada em sites de encontros duvidosos, com fotografias dela que havia tirado em várias ocasiões e ainda detalhes sobre os sítios que habitualmente Beatriz frequentava. Parecia estar sempre por perto. "Os stalkers desconhecidos são os que acabam por despoletar mais medo e mais insegurança na vítima, mas os estudos são consensuais ao mostrar que o cená- ▶



► rio de stalking por rutura de relação é o que encerra maior risco: de persistência e de violência contra a vítima”, acredita Célia Ferreira.

Mariana mora numa aldeia do Norte do País e enfrentou durante dez anos um inimigo sem rosto, uma história que começou da forma mais inesperada. “A minha patroa pediu-me para telefonar para um número que andava a contactar o filho dela. Eu pensava que era um miúdo ou uma miúda, mas atendeu-me um adulto. Fiquei a saber o nome dele e o sítio onde trabalhava, mas no final do telefonema ele disse: ‘Se não se importa, vou ficar com o seu contacto porque gostei muito da sua voz.’ Fiquei em pânico.” Para o afastar pediu desculpa pelo engano, disse que o telefone era do marido, mas de nada adiantou a correção. “Comecei a receber mensagens, chamadas, era perturbador.”

A abordagem do stalker nem sempre era a mesma. “Tanto me mandava SMS a dizer: ‘Beijinhos linda, um bom dia para ti’ ou ‘Espero que tenha corrido tudo bem’ – como se eu o conhecesse e me estivesse a responder a mensagens –, como me chamava p\*\*\* e outras ofensas graves.” Em 2012, Mariana perdeu a cabeça e ligou ao perseguidor. “Gritei com ele, disparei, disse para ele desaparecer da minha vida, mas logo a



**António Manuel Ribeiro recebeu ameaças de morte de uma fã, que foi condenada**

**“De manhã quando acordo e leio o que ela me escreve, fico assustado”**

**Luís Alves da Costa**

**“Recebi mensagens a dizer ‘Não sabes com quem te meteste, levaste um tiro’”**

**Mariana**

seguir recebi mensagens a dizer ‘Não sabes com quem te meteste, levaste dois tiros nos cornos porque eu sei onde é que te apanho.’” Ainda hoje, Mariana não sabe se ele a conhece efetivamente. “A GNR – fiz queixa depois das ameaças de morte – diz que sim, que ele já me viu e sabe quem eu sou e daí a fixação que tem por mim. Num meio pequeno como o meu também não é difícil, infelizmente.”

### Cyberstalking

‘Sou o teu louco privativo, que vai de mansinho morder-te as canelas,’ ‘Aqui para nós que ninguém nos vê: não devias ter brincado com o fogo’ e ‘Tenho todo o tempo do Mundo para a minha vingança’ são três das mensagens que a stalker de Luís Alves da Costa (o engenheiro e professor acha que é uma mulher) espalhou pela internet, na tentativa de “denegrir e assustar”. Tudo começou em 2006 com um blogue coletivo em que Luís participava. “Esta pessoa pediu para escrever no nosso espaço e aceitámo-la. Nessa altura aproveitou uma vinda a Lisboa [não é desta zona do País] para nos conhecermos pessoalmente e acabámos a beber um café. Quando algumas horas depois do encontro recebo uma mensagem a dizer ‘Amo-te’ não soube o que responder.” Pouco tempo depois deste episódio – que Luís tentou desvalorizar –,

“começou a chantagear, ofender e ameaçar os autores do blogue”, começou a centrar em Luís. “Começou com calúnias na internet, depois passou para o envio de e-mails anónimos. Ao mesmo tempo começou a mandar e-mails em meu nome para instituições para as quais trabalho. Isto a todas as horas do dia. De manhã quando acordo e leio que me vai acontecer isto e aquilo, que vou ficar desfigurado, que vou morrer, fico assustado. Já cheguei ao ponto de olhar para a esquerda e para a direita a ver se ela lá está.” Mas a pior parte ainda estava para vir.

“Começou a associar o meu nome a práticas criminosas, como pedofilia e tráfico sexual – tudo em caixas de comentários na internet – e graças a isso já caiu uma inspeção na escola onde dou aulas por causa dos boatos de pedofilia.” Luís procurou apoio junto da APAV, da Linha SOS Professor, da Comissão Nacional de Proteção de Dados, da Liga Civitas/Direitos do Homem e da Brigada de Alta Tecnologia da Polícia Judiciária de Lisboa (a quem pediu uma peritagem informática), mas não conseguiu ainda pôr fim ao pesadelo. “Nunca vi nada assim, só nos filmes. O problema é que isto não é ficção, está a acontecer comigo e mete muito medo, porque nunca sei onde está a ameaça e qual o próximo passo que vai dar.”

## Stalking (ainda) não é crime em Portugal

Em Portugal existe um vazio legal relativamente ao stalking, embora o Governo tenha anunciado em março estar a estudar essa possibilidade. Há países que têm legislação específica anti-stalking: o último europeu a legislar foi a Itália, em 2009, mas nos Estados Unidos a primeira lei foi aprovada em 1990. Maria João Costa, ex-jornalista e editora da Leya Brasil, criou o movimento cívico Vítimas de Stalking em Portugal. “Por ter sido vítima e me ter sentido tão indefesa,

sempre tive vontade de poder fazer alguma coisa. Criei um espaço de discussão que pretendia esclarecer a opinião pública e influenciar os legisladores. O mais curioso é que a maioria destas pessoas não sabia que era vítima de um crime, e só quando comecei uma campanha sobre o tema é que as pessoas perceberam o que lhes estava a acontecer. Na altura, já os números diziam que 69% dos homicídios em Portugal decorriam de situações de fixação obsessiva.”







GETTY IMAGES

MAIORIA DOS STALKERS SÃO EX-COMPANHEIROS



GETTY IMAGES

STALKERS DESENVOLVEM FIXAÇÕES OBSESSIVAS



GETTY IMAGES

VÍTIMAS VIVEM EM HIPERVIGILÂNCIA



# Mulher foi condenada por perseguir ex-namorado

**Lisboa.** Não aceitou fim da relação e protagonizou caso considerado como violência doméstica. Quase 400 homens recorreram à APAV

JOANA DE BELÉM

O namoro de quatro anos terminou mas a mulher não aceitou o fim do relacionamento. Durante ano e meio insultou o ex-namorado em público, importunou-o em casa, perseguiu-o e vigiou os seus passos. Ato, considerou o tribunal, "aptos a molestar psíquica e fisicamente a pessoa com quem se relacionara e afetá-lo na sua dignidade humana". A 6 de março, o 6.º Juízo Criminal de Lisboa condenou-a, pelo crime de violência doméstica, a um ano e três meses de prisão, suspenso na execução por igual período.

A suspensão da pena ficou sujeita a regime de prova. A mulher será acompanhada pela Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), sujeitando-se a um plano individual de readaptação social. A arguida ficou ainda sujeita à medida de coação de "proibição de contactos até ao trânsito em julgado da sentença".

O caso não é único, conclusão atestada pelos números mais recentes da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que em 2013 recebeu pedidos de ajuda de quase 400 homens vítimas de violência conjugal. Apesar de as mulheres sofrerem maiores taxas de violência doméstica, os homens

também são vítimas deste crime. As mulheres também cometem frequentemente violência doméstica, e não apenas em autodefesa.

No entanto, admite a assessora técnica do gabinete de apoio à vítima da APAV, apesar do aumento das denúncias e dos pedidos de ajuda, estes "estarão muito aquém daquilo que será a realidade dos números". Segundo Marlene Fonseca, há questões específicas que explicam esta situação, nomeadamente "a vergonha e o facto de a sociedade ainda ser muito patriarcal e haver a noção de que o homem tem de assumir um papel de poder e não o contrário".

O 6.º Juízo Criminal de Lisboa deu como provado que "terminado um relacionamento de quatro anos com o namorado, a arguida, motivada por tal circunstância, de maio de 2012 a outubro de 2013 – data em que o ofendido fez intervir a PSP –, desenvolveu contra a vítima diversos comportamentos: insultos públicos, importunamento no domicílio, perseguição, vigilância".

Apesar de haver casos em que os homens são efetivamente alvo de violência física, aquela que é praticada pelas mulheres costuma revestir-se de outras características, não sendo tão evidente em termos físicos. "Diria que em termos de maior prevalência vinga a violência psicológica", diz Marlene Fonseca.



LEONARDO NEGRÃO/GLOBAL IMAGENS

Vergonha leva muitos homens a não apresentar queixa

## NÚMEROS

### PEDIDOS DE AJUDA

Quase 400 homens pediram ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em 2013 devido a violência conjugal.

381 eram vítimas de violência conjugal.

### ATOS ABUSIVOS

Um estudo da Universidade do Minho, feito em 2013 com 1557 homens, mostrou que 69,7% tinham sofrido pelo menos um comportamento abusivo nos 12 meses anteriores ao inquérito e 76,4% sofreram pelo menos um comportamento abusivo ao longo da vida e 59,7% dos homens disseram ter sofrido uma agressão psicológica.

### AS VÍTIMAS

Segundo os dados mais recentes da APAV, em 2013 registaram-se 7271 vítimas de crimes de violência doméstica. Destas, 1024 eram homens e dentro deste grupo estavam 618 homens com 18 ou mais anos. Destes 618 homens adultos,

## Vítimas demoram 13 anos a terminar relação

**ESTUDO** Mulheres católicas são as que mais banalizam os atos violentos, diz autor deste trabalho sobre as vítimas de relações agressivas

Uma mulher vítima de violência doméstica demora, em média, 13 anos até terminar a relação e são as católicas aquelas que banalizam mais os atos violentos, concluiu um estudo sobre as vítimas.

O documento, da autoria do psicólogo forense Mauro Paulino, surge no âmbito de uma tese de mestrado pela Universidade Nova de Lisboa e foi realizado através de en-

trevistas a 76 mulheres e análise de 458 processos da delegação de Lisboa do Instituto Nacional de Medicina Legal. Esta investigação incide apenas sobre mulheres vítimas de violência conjugal na região de Lisboa e Vale do Tejo.

À Lusa, o autor destacou "o longo tempo" que as vítimas demoram até tomarem a decisão de terminar a relação. "Em média, demoram 13 anos até conseguirem terminar uma relação agressiva em que tenham estado", disse Mauro Paulino. Por outro lado, o investigador apontou que as crenças são uma forte influência na forma como as vítimas percecionam e vi-

vem a relação. Segundo o trabalho, quantas mais forem as crenças, maior é o tempo que uma mulher está na relação, quando estão em causa crenças que "facilitam" e "banalizam" a violência, dando o exemplo das católicas.

As mulheres católicas banalizam mais a violência do que as restantes, aceitando o seu papel na relação agressora, como se o facto de serem católicas fizesse que banalizem a violência, atribuindo a culpa dessa situação a elas próprias", apontou. No entanto, para o investigador, a importância da crença diminui tanto mais quanto maior for o nível de escolaridade.

## INTERVENÇÃO

### Estudo destaca a vertente económica

O que está a ser feito em matéria de intervenção "é pouco", diz o psicólogo Mauro Paulino, que defende mais ação na prevenção, sustentando que é um problema de saúde pública. "As vítimas vão mais aos hospitais, estão mais tempo de baixa, produzem menos e isto tem também uma vertente económica."



## APAV defende direitos de vítimas de crime

**A APAV** quer desafiar o Governo a agir em matéria de defesa dos direitos das vítimas de crime, para que estas pessoas tenham os mesmos direitos que em qualquer país da Europa, independentemente da nacionalidade ou crime. A intenção da APAV é sustentada pelo manifesto da Victim Support Europe.



**APOIO À VÍTIMA**

**Direitos iguais**

■ A APAV quer que todas as  
pessoas vítimas de crimes  
tenham os mesmos direitos  
na Europa, independente-  
mente da nacionalidade.





### APAV DESAFIA EXECUTIVO

A APAV quer desafiar o Governo a agir em matéria de defesa dos direitos das vítimas de crime para que estas pessoas tenham os mesmos direitos que em qualquer país da Europa, independentemente da nacionalidade e do tipo de crime.

Atual 2 Violência doméstica

11 mulheres mortas este ano por causa de relações amorosas

Arma de fogo 12/01/2014, Alfragide  
Manuela Santos (48 anos)  
EX-COMPANHEIRA  
LOCAL: TRABALHO

Arma de fogo 12/01/2014, Alcochete  
Ana Raquel Duarte (28 anos)  
EX-COMPANHEIRA  
LOCAL: RESIDÊNCIA

Arma de fogo 13/01/2014, Alcanena  
Isilda Coelho Lopes (82 anos)  
MULHER  
LOCAL: RESIDÊNCIA

Arma de fogo 01/02/2014, Albergaria-a-Velha  
Margarida Martins (37 anos)  
EX-COMPANHEIRA  
LOCAL: VIA PÚBLICA

Arma de fogo 12/02/2014, Cruz de Pau  
Mihaela Rusu (25 anos)  
COMPANHEIRA  
LOCAL: RESIDÊNCIA

Arma de fogo 22/02/2014, Ferreira do Alentejo  
Cidália Gonçalves (53 anos)  
EX-MULHER  
LOCAL: VIA PÚBLICA

Arma branca 03/03/2014, Monte Abraão  
Carla Santos (40 anos)  
EX-COMPANHEIRA  
LOCAL: RESIDÊNCIA

Arma branca 05/03/2014, Elvas  
Helena Conceição (19 anos)  
EX-NAMORADA  
LOCAL: RESIDÊNCIA

Asfixia 18/03/2014, Ferreirim (Viseu)  
Conceição Rebelo (61 anos)  
MULHER  
LOCAL: RESIDÊNCIA

Arma branca 13/04/2014, Bragança  
Mária de Fátima (37 anos)  
EX-COMPANHEIRA  
LOCAL: RESIDÊNCIA

Arma branca 06/05/2014, Moita  
Ilda Moreira (40 anos)  
EX-COMPANHEIRA  
LOCAL: RESIDÊNCIA



# 1170 agressores pagam multa para escapar a um julgamento

**Maus tratos.** A justiça que criou meios para garantir que vão a tribunal os suspeitos de violência doméstica – tornando-a crime público – permite que parte deles escape. Basta que paguem uma multa. No ano passado, 1170 aproveitaram

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Mais de mil agressores domésticos conseguiram “escapar” ao julgamento ou a uma condenação através de um mecanismo legal que lhes permite pagar uma multa e assim nunca terem esta mancha no cadastro. Mesmo que assumam a culpa ou que o Ministério Público (NP) considere as provas evidentes para os condenar. “O que pode ser uma contradição, já que este crime é público, não sujeito a queixa”, explicou ao DN Elisabete Brasil, diretora executiva da União das Mulheres, Alternativa e Resposta (UMAR). Um flagelo social que já atingiu mortalmente 16 mulheres este ano (ver números em cima) e em que o Ministério Público (MP) registou 22 928 ocorrências em 2013.

Segundo dados da Procuradoria-Geral da República (PGR), avançados ao DN, “as suspensões provisórias do processo aplicadas em crimes de violência doméstica contra cônjuge ou análogo devem rondar 5% do total”. Feitas as contas – já que só no ano passado foram aplicadas 23 417 suspensões provisórias do processo a todo o tipo de crime – 1170 são relativos a casos de violência doméstica. Esta forma simplificada de processo aplica-se a arguidos com grandes possibilidades de serem considerados culpados em julgamento, e que passam a estar obrigados apenas a cumprir a chamada injunção (uma multa na maioria dos casos), ainda que depois, em tribunal civil, possam ter de indemnizar as vítimas, num processo distinto. E os arguidos terão sempre de concordar.

Uma medida que pode ser aplicável a todos os crimes com pena inferior a cinco anos, mas que nos casos de violência doméstica, o suspeito não pode ser reincidente e a vítima terá sempre de aceitar. Este ponto foi reforçado, em janeiro, por Joana Marques Vidal, numa diretiva enviada para o MP. E em que era pedido expressamente um reforço no esclarecimento às vítimas.

Em Lisboa, dos 231 processos desta natureza que foram suspensos, de janeiro a dezembro do ano passado, a maioria foi pedida pela própria vítima. Já no Porto o cenário é outro. A Procuradoria-Geral Distrital do Porto, no seu relatório anual, publicado

há duas semanas, regista 1748 diligências relativas a distúrbios e agressões conjugais. Desses, em apenas 93 dos casos foi aplicada a suspensão provisória do processo. “A experiência vem mostrando que estas vítimas, ainda que este-

76% dos casos de maus tratos foram arquivados no ano passado

jam de acordo com a suspensão provisória, não a requerem por entenderem que ao fazê-lo transmitem ao agressor sinais de fraqueza que as penalizarão no futuro”, explicou Raquel Desterro, res-

ponsável pelo distrito judicial que perfaz 30% do território nacional. Joana Marques Vidal, através da Diretiva n.º 1/2014, recomendava aos procuradores que se recorra mais vezes a este mecanismo legal em casos de violência doméstica e

de abuso sexual de menores “não agravados pelo resultado”.

Raquel Desterro defende que esta diretiva pode vir a “fazer decair os casos de aplicação da suspensão aos casos de violência doméstica”, ao contrário do que seria de supor. Porque as vítimas só aceitam depois de um longo processo de persuasão por parte do MP.

O valor das injunções a pagar é avaliado pelo procurador do MP. “O limite é a proporcionalidade relativamente à infração, adequação e necessidade. Em suma, o limite é o bom senso”, adiantou ao DN Maria José Morgado, diretora do Departamento de Investigação e Ação Penal de Lisboa. “E há que ter em conta a condição económica do arguido. Injunção económica a um desempregado não tem sentido, evidentemente”, concluiu.



## Cinco mortas por outros familiares

12/01/2014, Corroios (Seixal)	
Espandimento	M <sup>te</sup> Emilia Ferrinho (78 anos)
	ASCENDENTE DIRETO (2º GRAU)
	LOCAL RESIDÊNCIA
23/02/2014, Sto. António Caval.	
Espandimento, asfixia e queda	M <sup>te</sup> Anjos Coelho (70 anos)
	ASCENDENTE DIRETO (1º GRAU)
	LOCAL RESIDÊNCIA
08/03/2014, Montalegre	
Arma branca	M <sup>te</sup> Leonor Miranda (61 anos)
	COLATERAL (IRMÃO)
	LOCAL RESIDÊNCIA
17/04/2014, S. João Pesqueira	
Arma de fogo	Lina Felix (85 anos)
	ASCENDENTE DIRETO POR AFINIDADE (GENRO)
	LOCAL RESIDÊNCIA
17/04/2014, S. João Pesqueira	
Arma de fogo	Elisa Barros (85 anos)
	COLATERAL, 2º GRAU POR AFINIDADE (TIA DA MULHER)
	LOCAL RESIDÊNCIA

Plano Local de Medidas de Intervenção e Registo LOMAR

colaboração DA

## Soluções para as vítimas

### Perante a agressão/risco

» A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima aconselha as vítimas de agressão a pedir socorro e a procurar refúgio junto de vizinhos e outras pessoas que possam testemunhar. Face à agressão devem contactar o 112 e, mesmo que fiquem sem marcas, deslocar-se ao hospital.

### Se pretende sair de casa

» Várias instituições públicas e particulares oferecem acolhimento temporário em casas de abrigo a vítimas de violência doméstica, acompanhadas ou não de filhos menores, cuja segurança implique sair de casa. Pode ligar o número 144 ou deslocar-se a vários serviços públicos.

### Como gerir no emprego

» O Código do Trabalho prevê que o trabalhador possa ser transferido para outro local da empresa desde que tenha feito uma queixa-crime da agressão e tenha partilhado casa com o agressor durante dois anos. Se a empresa não tiver alternativa, é possível suspender o contrato.

### Como refazer a vida após apoio

» Em 2012, o Governo aprovou a criação de um apoio financeiro suportado por verbas provenientes dos jogos sociais da Santa Casa, destinado a ajudar as vítimas a recomeçar a vida fora das instituições. Durante o acolhimento é também oferecido apoio psicológico e jurídico.

### Casais do mesmo sexo

» A APAV tem um site e um número especializado (707 020 00 77) para apoio e encaminhamento de vítimas da comunidade LGBT. Existem também instituições especializadas no apoio a vítimas desta comunidade, nomeadamente a relativamente nova associação Casa Qui.

## ENTREVISTA: FERNANDO SILVA

*Professor universitário e advogado*



**Penalista** Autor de várias obras e artigos científicos no domínio do direito penal e do direito das crianças. Coordenador de vários cursos de pós-graduação do direito de proteção das crianças em perigo e da adoção

## “O interesse da vítima é sempre salvaguardado”

**Como analisa a aplicação da suspensão provisória do processo nos casos de violência doméstica? Há vantagens?**

Nestes casos, o prazo de suspensão pode ir até cinco anos, o que é bastante razoável, e estamos a falar de um processo que, desta forma, fica todo nas mãos da vítima. É preciso sublinhar que o interesse da vítima é sempre salvaguardado. Temos de, em sociedade, conseguir distinguir a repulsa deste ato e os interesses da vítima. Quando alguém depara com a regeneração do agressor (que poderia, por exemplo, até esse momento, sofrer de alcoolismo e foi reabilitado), nesse caso, o processo pode ficar suspenso porque a vítima pretende refazer a vida conjugal.

**Existe uma inversão no poder que a vítima tem sobre o agressor. Normalmente o agressor julga que é ele o dominador...**

Sim, desta forma, o agressor percebe que o processo está suspenso só até quando a vítima quiser.

**Ainda é raro usar este instituto nos casos de violência doméstica?**

Sim, de facto. Não é frequente até porque quando uma vítima apresenta queixa já é em resultado de uma situação extrema e numa espiral de acontecimentos. Mas ao usar esta figura no processo, no fundo, trata-se de um contrabalanço pelo facto de se ter transformado em crime público. É a possibilidade de a vítima ter sempre uma palavra a dizer quanto ao seu futuro e conseguir minimamente

dispor do processo com a sua vontade. Se voltar a correr risco tem a possibilidade de reabilitar o caso e isso há de constar no registo criminal do agressor.

**Considera, pois, que do ponto de vista legal existem os mecanismos adequados. Porém, existem casos complexos em que a execução e o controlo dos agressores não estão a surtir efeito. De que forma olha para estas situações?**

Em Portugal, os processos correm todos à margem uns dos outros. Vejamos: se existir um processo-crime e um processo de regulação de poder paternal poderemos estar perante situações em que um tribunal decreta que o agressor fique proibido de contactar com a vítima e outro tribunal decidir que o agressor vai buscar os filhos a casa da vítima. Os instrumentos, tal como estão pensados, são os adequados, mas estarão a falhar as medidas de execução.

**Sucedem-se os casos dramáticos. O que está a falhar?**

Falta-nos, enquanto sociedade, uma cultura de entreajuda. Cidadania ativa é intervir em defesa dos outros. Mais depressa se junta um grupo de vizinhos para apresentar queixa por causa de um buraco na estrada do que para defender uma pessoa que, no mesmo prédio, pode gritar todos os dias por estar a ser agredida. Fico em estado de choque com os números de violência doméstica porque é a sociedade em que eu vivo.

PAULA CARMO





# Guimarães debate violência doméstica

A Câmara Municipal de Guimarães, através da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Guimarães (CPCJ), vai promover hoje e amanhã, as Jornadas de Reflexão sobre Violência Doméstica, uma iniciativa que decorrerá na Plataforma das Artes e da Criatividade.

Ao longo de dois dias, os convidados debaterão assuntos distintos divididos em cinco painéis, com o primeiro agendado para hoje, pelas 10h00, subordinado ao tema “Olhares Sobre a Igualdade de Género e a Violência na Intimidade”. No final deste painel, decorrerá um debate que tem como moderadora Paula Oliveira, vereadora para a Ação Social da Autarquia de Guimarães e conselheira municipal para a Igualdade de Género.

Depois do almoço, pe-

las 14h30, tem início o segundo painel do dia, sob o tema “Intervenção em Rede: Agentes, Procedimentos e Resultados entre cruzando intervenções em Violência Doméstica”. Entre as participações agendadas para a tarde de hoje, destaca-se a presença do comandante do Destacamento Territorial da GNR de Guimarães e do comandante da Divisão da PSP de Guimarães, que abordarão o assunto da violência doméstica na perspetiva da prevenção. No final, o debate terá a moderação de Isabel Baptista, coordenadora da Rede Social de Guimarães.

Amanhã, pelas 09h30, o terceiro painel das Jornadas da CPCJ é dedicado ao tema “Violência Doméstica, um Problema de Saúde Pública”. Neste enquadramento, serão apresentados tes-

temunhos de médicos do Centro Hospitalar do Alto Ave, além da participação da Delegada de Saúde no ACES do Alto Ave, entre outros convidados. Segue-se a temática das “Perícias médico forenses no âmbito da violência contra mulheres nas relações de intimidade”. O debate será moderado por José Novais de Carvalho.

O quarto painel, com o tema “Violência Doméstica: Da Lei à Prática Judicial”, terá início após o período de almoço, sendo dedicado à temática da responsabilização jurídica. Francisco Maia Neto, procurador-geral adjunto e membro da Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, e Margarida Pinto de Faria, procuradora interlocutora do Tribunal Judicial de Guimarães, se-

rão os moderadores do debate.

O quinto e último painel, subordinado ao tema “Prevenção e Combate à Violência Doméstica em Guimarães. Que propostas?”, tem início agendado para as 16h15, estando contemplada a apresentação de campanhas de sensibilização no âmbito da experiência da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Marta Coutada, Ana Margarida Teixeira, Mariana Silva e Teresa Costa, representantes da Assembleia Municipal na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Guimarães, vão fazer a “Perspetivação da Intervenção na área da Violência Doméstica no concelho”. As conclusões finais terão a moderação de António Baptista, docente da Universidade Católica.



## Teatro solidário “Quem não tem Cão” encena “Amor Mau”

**ARTE** A oficina de teatro “Quem não tem Cão” está a encenar um novo espetáculo chamado “Amor Mau”, que aborda cenários de violência doméstica. Este espetáculo vai estar em cena nos dias 24 a 31 de maio, no cine-teatro de Rio Maior, às 21h30 (sábado) e às 16h30 (ao domingo), e está inserido num projeto de teatro comunitário, numa parceria com a APAV. A peça tem encenação

de Rui Germano e conta com a participação especial de Zé Manel (Darko) ex- vocalista dos Fingertips.

O espetador é convidado a assumir o papel do parceiro e a refletir sobre “as faces envergonhadas dos desamores resultado de vários cenários de violência: doméstica, contra os velhos, em relacionamos íntimos dos jovens, entre outros.



# Manuel “Palito” levantava-se de madrugada para perseguir ex-mulher

O homem que esteve fugido 34 dias ficou em prisão preventiva e não falou ao juiz. À chegada foi recebido por uma multidão que o aplaudiu. A GNR fechou ruas com um forte dispositivo e homens a cavalo

**Crime**  
**Pedro Sales Dias**

Manuel Baltazar passou a perseguir a ex-mulher quase todos os dias nos últimos cinco anos, após esta ter decidido separar-se dele face a um quadro de violência doméstica. O alegado homicida de Valongo dos Azeites, que terá baleado mortalmente a ex-sogra, a tia e ferido a ex-mulher e a filha de ambos, ficou ontem em prisão preventiva. Foi inquirido durante cerca de duas horas ao final da tarde, mas remeteu-se ao silêncio perante o juiz que o indiciou por quatro crimes de homicídio, dois deles na forma tentada.

Apesar de ser considerado perigoso pelas autoridades e estar fortemente indiciado pelos crimes, o homem também conhecido como Manuel “Palito”, que esteve fugido 34 dias, foi recebido como uma espécie de herói popular. À sua chegada, foi aclamado por mais de 200 habitantes locais, que o esperavam. Tiraram fotos com os telemóveis, bateram palmas e também assobiaram, mas numa manifestação de apoio. Ninguém o criticava e alguns até o elogiavam.

A GNR mobilizou dezenas de elementos para o local, para fazer segurança e a delimitar a entrada do tribunal. Enviou para ali alguns dos mesmos militares a cavalo que, durante mais de um mês, não encontraram o suspeito. As ruas foram fechadas e quase ninguém conseguiu entrar no tribunal onde vários julgamentos foram adiados. Tudo por Manuel Baltazar.

O homem, agricultor e com 61 anos, chegou pelas 15h20 ao Tribunal de São João da Pesqueira, mas só começou a ser inquirido pelas 18h. Até lá, o tribunal teve de arranjar-lhe um advogado oficioso, já que não tinha um nomeado. A medida de coacção, a mais gravosa (prisão preventiva), só foi conhecida à saída do tribunal, pelas 20h. Minutos depois a Polícia Judiciária arrancou de imediato com Manuel Baltazar, cabisbaixo, em direcção à cadeia de Vila Real.

A partir de Fevereiro de 2009, altura em que o casal se separou, o alegado homicida passou a levantar-se de madrugada para ver por onde a ex-mulher andava e para exercer



Vários julgamentos tiveram ontem de ser adiados no Tribunal de São João da Pesqueira por causa do interrogatório de Manuel Baltazar

coacção sobre ela, de acordo com o processo relativo aos episódios de violência doméstica ao qual o PÚBLICO teve acesso. Neste processo fica ainda claro que a pulseira electrónica, através da qual Manuel Baltazar era vigiado pelos serviços prisionais, visava impedi-lo de se aproximar da ex-mulher. Sem êxito, como se viu.

A ministra da Justiça, Paula Teixeira da Cruz, porém, afirmou ontem que o facto Manuel Baltazar ter cortado a pulseira electrónica, antes de praticar os crimes, não coloca em causa a utilização deste mecanismo de vigilância.

Ainda de acordo com o processo, muitas vezes o arguido começava a perseguir a mulher logo pelas 6h de quase todos os dias. Depois de o divórcio ter sido decretado, passou a persegui-la “na rua e nos locais” onde a ex-mulher trabalhava,

para a “ameaçar e amedrontar”. Chegava mesmo a ameaçar quem dava trabalho à ex-mulher, para a privar de meios de subsistência e a controlar.

## Mulher numa casa-abrigo

Por essa altura, Fevereiro de 2009, a ex-mulher estava numa casa-abrigo da APAV, em Vila Real. Porém, teve de fugir dessa casa, onde esteve oito meses, até Agosto, quando Manuel Baltazar descobriu a sua localização. Foi, então, morar para uma casa de Peso da Régua, onde se achava mais segura. Certo é que, por esses dias, foi também localizada junto de uma paragem de autocarro onde aguardava transporte para o trabalho. Voltou a ser agredida e ameaçada de morte, o que não lhe era de todo novidade. Ainda quando morava com o ex-companheiro foi ameaçada com uma arma para

voltar a dormir no quarto do casal.

Antes disso, a 5 de Dezembro de 2011, foi o filho de ambos, de 30 anos, quem Manuel Baltazar ameaçou com uma arma, apontada ao peito, durante uma apanha de azeitona em Valongo dos Azeites. “Se queres matar, mata-me a mim”, disse a ex-mulher, que intercedeu pelo filho. Esta actuação do arguido poderá explicar a circunstância de vários advogados terem sucessivamente recusado defender Manuel Baltazar em tribunal, como consta no processo.

De acordo com a mesma fonte documental, Manuel Baltazar, que chegou a ter quatro espingardas e inúmeras munições em casa, ameaçava todos os familiares da ex-mulher e amigos que a defendessem. Não abria qualquer excepção, nem para os próprios filhos, e incompatibilizou-se com dois dos quatro ir-

mãos, com quem deixou de falar.

O relatório social apenso ao processo descreve-o como pouco sociável e aponta-lhe uma obsessão em relação à ex-mulher, com quem esteve casado 25 anos. “Um e outro jurámos ser fiéis até que a morte nos separasse. Não sei por que ela quis o divórcio. Está deprimida e inventa coisas”, referiu o arguido durante uma das inquirições em tribunal relacionadas com os crimes de violência doméstica.

“Tinha acessos de raiva e recusava aceitar o fim da relação e a emancipação da mulher”, apontava ainda o relatório no qual se lê ainda que, certa vez, Manuel Baltazar avisou a ex-mulher de que tinha uma pistola com três balas: uma para ela; outra para a ex-sogra; e outra para ele. De outra vez, ameaçou-a no cemitério e levou-lhe o telemóvel, para que ela não avisasse a GNR.





“Foi um mês muito duro para ele. Era escusado este sofrimento todo. Estava cansado, já não se aguentava. Achamos que ele veio a casa mesmo para se entregar”

# Manuel Baltazar “veio a casa mesmo para se entregar”

## Reportagem Sofia Cristino

Na manhã de ontem, a população de Trevões acordou mais tranquila. Depois de um mês atribulado, Manuel Baltazar, conhecido por “Palito”, segundo os habitantes, voltou para casa para ser capturado pelas autoridades. “Foi um mês muito duro para ele. Era escusado este sofrimento todo. Estava cansado, já não se aguentava. Achamos que ele veio a casa mesmo para se entregar”, explicam os moradores desta vila de São João da Pesqueira, distrito de Viseu.

O medo que pairava nas localidades de Trevões, Valongo dos Azeites e Penedono acabou. Muitos admitem que o viam, mas não o denunciavam por receio. Contudo, dizem que há dez dias que não sabiam nada dele e que acreditavam que ele já pudesse estar morto.

Durante os 34 dias que Manuel “Palito” andou desaparecido, os amigos e vizinhos admitiram que o ajudavam e que ele nunca saiu da zona de Valongo dos Azeites, Trevões e Penedono, pois era o terreno que ele conhecia melhor. “Durante a fuga dele dei-lhe de comer. Disse-lhe para ele se entregar, mas ele dizia que

quando tivesse de ser apanhado era”, afirma um amigo de infância do arguido. Um habitante de Trevões disse mesmo que “sempre soubemos que ele ia lá a casa. Um dia vimos que tomou lá banho, deixou o esquentador ligado e roupa em cima da cama. Ele também encontrou muita gente aí no campo”.

Quem o conhecia bem diz que nunca teve medo, porque “ele era um homem pacato, nasceu aqui, criou os irmãos e nunca entrou em conflitos connosco, por isso, sabíamos que não nos ia fazer mal. Não era monstro nenhum”. Um amigo de Manuel “Palito” adianta, ainda, que “a tia e a

sogra não se deviam ter metido na vida do casal. Elas é que lhe faziam a vida negra. Perseguiam-no. Só não matou a mulher e a filha porque não quis”. Um vizinho descreve Manuel Palito como um homem pouco sociável e que quase não se via. “Só depois do divórcio é que o começámos a ver mais”, explica. “Ficámos muito surpreendidos, éramos muito amigos dele. Nunca tivemos medo, connosco era muito bom. Ele não tinha problemas com ninguém a não ser com a família”, concluem.

Um dos maiores medos que por ali pairava estava associado a uma

alegada lista feita por Manuel Baltazar e que teria mais de uma dezena de nomes que seriam as “pessoas a abater”. “Pelo menos os que andavam na lista estão mais tranquilos. Já dormiram mais descansados”, adianta uma moradora que, explica, ainda: “Acho que não eram quinze pessoas, mas ele tinha raiva de alguns caçadores.”

Em Trevões, em casa de Manuel “Palito”, a cunhada do alegado homicida detido na noite de ontem garante estar agora mais calma: “Sei que está guardado e de lá não sai. Já não anda no monte a sofrer. Já sabemos o destino dele.”

# ATUALIDADE I

## 'PALITO' CAÇADO



**DECLARAÇÕES EXCLUSIVAS ■ FAMÍLIA QUER GANHAR FORÇAS PARA REPOR A VERDADE**

# "O meu pai devia ter sido preso há 6 meses"



Palmas a Manuel Baltazar não são compreendidas pela família enlutada

■ Filha de Manuel Baltazar ainda está a recuperar. A prisão de 'Palito' deixou-a aliviada, mas a revolta é evidente. "A Justiça falhou", desabafa

● TÂNIA LARANJO

**V**isivelmente cansada, Sónia Baltazar não esconde a tristeza. A revolta pelos crimes do pai, a mágoa pelas palmas ouvidas à porta do Tribunal de S. João da Pesqueira, quando Baltazar foi levado ao juiz para ser interrogado. "Somos nós as vítimas", diz, ao CM, a jovem que foi atingida na barriga. Sónia viu a mãe levar um tiro na perna, a tia e a avó morrerem no pátio da moradia de Valongo dos Azeites. Viu o pai fugir e escapar às autoridades durante mais de um mês.

Fala agora em exclusivo ao CM, mas ainda pede reserva para algumas perguntas. "Só

mais tarde. Quando tivermos forças", garante a mulher que, com a mãe, tenta recuperar da trágica tarde de 17 de abril.

Sónia, de 36 anos, está protegida em Viseu e, para já, mal sai à rua. Não tem medo do pai, que já está na cadeia, mas está fragilizada.

"O meu pai devia ter sido preso seis meses antes", frisa a jovem que não percebe o funcionamento de uma justiça que deixou 'Palito' matar as duas familiares, pouco tempo depois de sair do tribunal. "Neste País, parece que ameaçar não é crime", continua

Sónia que admite, um dia, poder contar a sua história. "Ainda não temos forças, mas queremos repor algumas verdades. E manter o direito de sair à rua sem sermos reconhecidas".

Sobre a confissão do pai – que garantiu primeiro ao caçador, depois ao pai-deiro e por fim à PJ que nunca a quis atingir – Sónia encolhe os ombros. Faltam as respostas. Fica a certeza de que esteve entre a vida e a morte.

"Não foi de raspão", refere apenas, lembrando que, quando entrou no Hospital de Coimbra, corria risco de vida. "Nos pri-

**"O tiro não foi de raspão. Estive à beira da morte"**

Sónia Baltazar



■ As vítimas da tragédia, Lina e Elisa Barros, de 82 e 65 anos, respetivamente.

meiros dias, o médico disse-me para nem sequer ver televisão e não procurar informação", conta a jovem que em 2013 já tinha confessado em tribunal. "Tinha medo do pai, tinha medo do que aquele poderia fazer". ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO da manhã



■ Muitas lágrimas no funeral de Elisa e Lina, mortas a tiro por Manuel Baltazar





**PJ RECOLHEU PROVAS | NA CASA**

A PJ esteve em Valongo dos Azeites, a 17 de abril, e recolheu provas dos crimes cometidos por Manuel Baltazar. Foram dois homicídios consumados e dois tentados



**FACEBOOK | CONTINUA ATIVO**

O perfil de Facebook de Manuel 'Palito' continua ativo, mesmo após a sua prisão. Trata-se de uma sátira à sua fuga. Tem sido alvo de críticas por brincar com dois homicídios

**FAMÍLIA | FORAM AO CEMITÉRIO**

A ex-mulher e a filha de Manuel Baltazar estiveram no cemitério de Valongo dos Azeites no último fim de semana. Foram prestar homenagem às familiares assassinadas

+CM

## Hospitais continuam a apoiar vítimas

Os hospitais de Coimbra e Viseu, onde Sónia e Angelina estiveram internadas, continuam a apoiá-las. A jovem garantiu ao CM que as unidades de saúde têm sido incansáveis no acompanhamento psicológico. Vão às consultas de forma regular, para tentarem recuperar do trauma. Recorde-se, ainda, que o Hospital de Viseu, a pedido da PJ, ocultou que Angelina tinha tido alta. O objetivo era evitar que Baltazar, enquanto estivesse fugido, pudesse voltar a procurar a ex-mulher. ■



Hospital de Viseu escondeu alta da vítima, para a proteger do duplo homicida

## PORMENORES

● **CASA ABRIGO DA APAV**  
Em 2009, quando saiu de casa devido à violência psicológica, Maria Angelina pediu ajuda à APAV. Esteve numa casa-abrigo até que o ainda marido a descobriu.

● **MEDO DO PAI**  
O depoimento de Angelina e dos seus filhos foi determinante para a condenação de Manuel Baltazar por violência doméstica. Os filhos disseram ao juiz que tinham medo do pai.

● **TRIBUNAL VAI DECIDIR**  
O Tribunal de S. João da Pesqueira vai agora levantar a suspensão da pena a Manuel Baltazar, condenado a quatro anos por violência doméstica. Só depois será julgado pelos homicídios.

● **PODE RECUSAR FALAR**  
Sónia contou à Polícia Judiciária de Vila Real o que o pai fez na tarde de 17 de abril. Viu-o entrar na casa da tia e disparar contra si e a sua família. Sónia poderá, no entanto, não depor em tribunal, se assim o entender. A lei permite o silêncio, porque está a ser julgado um familiar direto.

# Ainda não recebeu visitas na cadeia



'Palito' foi levado para a cadeia de Vila Real após ser apanhado

Manuel Baltazar viu ser-lhe determinada a prisão preventiva na última quinta-feira. No entanto, ainda não recebeu qualquer visita na cadeia de Vila Real, onde se deverá manter até julgamento.

Apenas um dos irmãos falou com ele após ter sido detido pela Polícia Judiciária. Foi no Tribunal de S. João da Pesqueira

, momentos antes de ser levado para a prisão. Manuel Baltazar encontra-se para já sozinho na cela e está a ser vigiado de perto pelos serviços prisionais.

Temem uma tentativa de suicídio, que Manuel Baltazar atente contra a sua própria vida, numa altura em que arrisca 25 anos de cadeia. 'Palito' tem atualmente 60 anos. ■

## Centenas de polícias enganados mais de um mês na caça ao homem

Foram centenas de polícias que durante mais de um mês andaram nos montes à procura de Manuel Baltazar. Queriam encontrar o fugitivo que aparecia de forma amiúde aos vizinhos que o conheciam. Durante 35 dias, 'Palito' enganou poli-

cias que rumaram para Trevões, vindos de todo o País: dos postos da GNR de Viseu, das equipas especiais de Lisboa, da Polícia Judiciária de Vila Real.

Baltazar foi preso quando chegava a casa, a 21 de maio. Ainda tinha a arma consigo. ■



Elementos da GNR procuraram 'Palito', sem êxito, nos montes





Atual 1 Violência doméstica



Marcos e Luana Camargo, um casal aparentemente feliz em férias. Ontem, o marido matou-a. O cadáver de Luana vai ser autopsiado no Instituto Nacional de Medicina Legal

# Marcos recusa divórcio e atinge Luana no coração

**Lisboa.** Suspeito de homicídio entrou no consultório da mulher, dentista na Rua Augusta, e matou-a à facada. Crime aconteceu numa das zonas mais turísticas da capital

LUÍS FONTES e PAULA CARMO

"Eles pareciam um casal perfeito. Não entendo porque ele a matou." Maria Aparecida, com os óculos escuros a esconderem as lágrimas, estava parada, ao início da tarde de ontem, no meio da Rua Augusta, em Lisboa. Tentava encontrar uma explicação para a morte da amiga Luana, alegadamente esfaqueada pelo marido. Maria, amiga do casal Camargo, estava *colada* à carrinha da PSP onde foi colocado o cadáver de Luana Camargo, de 28 anos, que terá sido assassinada pelo marido (39), no consultório onde ela trabalhava como médica dentista.

O desespero de Maria e o aparato policial em plena Baixa pombalina – que até já foi palco de uma iniciativa de denúncia de violência doméstica – fizeram que muitos turistas, que passavam naquela que é uma das zonas mais procuradas pelos estrangeiros que visitam Lisboa, pensassem que se tratava da rodagem de um filme.

O "guião" da vida de Luana, porém, teve um trágico desfecho. "Ela tinha tão bom coração e era tão bonita", contava Maria Aparecida que avançava em voz baixa com uma possível explicação para o homicídio: "Ela tinha pedido o divórcio." Neste cenário, anteontem, Luana deixou os dois cães e saiu do apartamento onde vivia com Marcos Camargo na Colina do Cruzeiro, em Odivelas.

É precisamente a dificuldade de enfrentar o "não" e a não aceitação do "fim" da relação que a coordenadora do Observatório de Mulheres Assassinadas da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) relata como um dos maiores fatores de risco. Elisa-

bete Brasil sublinhou ao DN que "os agressores entendem que a vítima não pode ter voz nem dizer basta, por isso não entendem a decisão". Aliás, o relatório do ano passado desta organização não governamental que se dedica à luta pelos direitos das mulheres dá destaque a que "os ciúmes e a atitude possessiva, como seja o não aceitar a separação, contabilizam 24% das situações registadas". Em 2013 foram assassinadas 37 mulheres.

Luana é a mais recente vítima. Marcos, por volta das 10.00, foi à clínica Odonto Riso, na Rua Augusta, subiu a escadaria até ao primeiro andar e entrou no consultório onde estava a mulher. Bateu-lhe e desferiu várias facadas na zona torácica e nos braços de Luana que se tentava proteger. Funcionárias e clientes apressaram-se a pedir socorro e assim que a polícia entrou na clínica deteve Marcos e recolheu a faca.

No consultório, Luana estava em paragem cardiopulatória aos cuidados de uma equipa médica do INEM. Chegou a equipa médica da viatura de emergência do Hospital São Francisco Xavier e foram novamente ministradas manobras de reanimação. Sem sucesso. Foi declarado o óbito no local. Marcos entrou para o carro da PSP para ser entregue à Judiciária que ainda ontem o interrogou.

Durante toda a manhã, o consultório foi alvo das perícias dos técnicos do Laboratório da Polícia Científica mas, no exterior, era comentada a vida do casal. Aliás, uma funcionária do consultório olhava para uma fotografia com Luana e Marcos abraçados. "Este consultório que abriu em setembro era o sonho dela. Formou-se muito nova e estava em Portugal há oito anos", recordava. "Ela gostava muito do marido. Falou que ele tinha passado por uma vida sofrida, em São Paulo, no Brasil", lembra. Marcos continuava com problemas de trabalho, foi segurança mas estava desempregado. A amiga do casal, Maria Aparecida, revela: "Ele estava preocupado com o consultório. Falava que podia haver problemas com o pagamento da renda", recordou, lembrando ter conhecido o casal no apogeu da felicidade. Reconheceu, porém, que "eram muito diferentes". "Ele não era violento mas muito estouvado. A doutora era um coração aberto", dizia.

Perante o aparato, muitos turistas que passeavam pela Baixa pararam no local. David Hilkes, britânico de férias em Lisboa há dois dias, perguntou: "Que se passa aqui, é algum filme?" Era um homicídio passionai na vida real. David encolheu os ombros e fez a pergunta retórica: "Também aqui?"

**12**  
mortes este ano

Homicídios são, segundo o Observatório de Mulheres Assassinadas, ex-companheiros ou maridos

**2256**  
casos

de violência doméstica no primeiro trimestre deste ano na área da PGDL

**47**  
homicídios

No ano passado morreram 37 mulheres e 10 homens por motivos passionais

**22 247**  
participações

referentes a queixas, em 2013, por violência doméstica

## 3 PERGUNTAS A...

"Vítimas devem criar plano de segurança"



RUI ABRUNHOSA GONÇALVES  
Psicólogo forense

Somam-se os casos em que os maridos ou companheiros não aceitam uma separação. Vivemos numa sociedade cada vez mais intolerante ao "não"? Há momentos muito críticos nas relações de intimidade ou de conjugalidade. Anunciar o fim de uma relação é um dos momentos mais críticos que podem desencadear as atitudes mais violentas. Como deve agir, então, a pessoa que pretende pôr fim à relação?

Deve proteger a sua retaguarda e criar um plano de segurança, porque o desfecho mais trágico pode ocorrer e é evidente que a vítima não é culpada de nada. Em primeiro lugar, não se deve anunciar quando se toma a decisão de pôr fim à relação. Depois é necessário encarar e pôr em prática um plano de segurança e tentar perceber quais são as pessoas que podem ajudar. Também não se deve descurar a segurança no local de trabalho, por exemplo. Claro que há uma parte do acaso que não se pode controlar. Este ano está a ser particularmente trágico...

O fenómeno tem oscilado de ano para ano. Este ano está a ser trágico mas cada caso é um caso. O que se verifica é que os agressores têm uma baixa capacidade de tolerância à frustração e uma fraca capacidade de controlo dos limites. Pior: quando ocorre a conjugação destes dois fatores estamos perante indivíduos muito perigosos. Pode, também, o agressor padecer de perturbação mental grave.





## Violência sexual na universidade em conferência

A Tabacaria da OMT acolhe, dia 27, a conferência "Tango: Sexualidade e Paixão" que pretende abordar a temática da prevenção da violência sexual no ensino superior. Promovido em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a sessão está incluída no âmbito do Projecto Unisexo2. O objectivo é favorecer um melhor conhecimento dos mecanismos psicológicos, fisiológicos, culturais e sociais que influenciam a vivência da sexualidade e dos relacionamentos íntimos, na expectativa de que este conhecimento possa gerar relações de respeito pelo outro.◀





## Conferência e espetáculo do Projeto Unisexo

●●● “Tango: sexualidade e paixão” é o tema da conferência da próxima terça-feira, às 18H30, na Tabacaria (café-teatro) da Oficina Municipal do Teatro. A iniciativa integra-se no projeto Unisexo 2 – Prevenção da violência sexual no ensino superior, dinamizado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vida (APAV). Luiz Gamito, psiquiatra e psicoterapeuta, e Jacques Houart, antropólogo, são os oradores da conferência. Depois da conversa, decorrerá o espetáculo multimédia “Milonga Tango & Vida”, a qual ilustrará o tema da sexualidade e paixão através do tango.

---



➤ **“Tango: sexualidade e paixão”** é **amanhã**, pelas **18H30**, tema de uma conferência, na Oficina Municipal do Teatro, em Coimbra. A sessão é promovida pelo Projeto Unisexo 2 – Prevenção da violência sexual no ensino superior, da APAV.





**Entrevista PORTUGAL**

**JESSICA ATHAYDE** vai dar vida à sofrida Bárbara, em *Mulheres*



**JESSICA ATHAYDE** vai interpretar uma mulher que sofre violência doméstica



**LUÍS GASPAR** dá vida a um

**T***V 7 Dias* – De volta ao ativo, depois de umas férias no final das gravações de *Destinos Cruzados*. Na novela *Mulheres*, que papel é que vai interpretar?

**Jessica Athayde** – Vou ser a *Bárbara*, uma mulher sonhadora, presa a um casamento onde não é feliz. Ela mudou-se de Beja para Lisboa com aquele que viria a ser seu marido, iludida com promessas de um futuro na área da moda, mas depressa a sua vida passou a ser uma dependência total de um marido violento, *Jorge*, que é interpretado pelo ator Luís Gaspar.

**Como é que se retrata uma história de violência doméstica?**

Nunca vou poder retratar a história da *Bárbara* e do *Jorge* na primeira pessoa. Acho que a realidade ultrapassa sempre a ficção.

**Procurou ouvir testemunhos de mulheres que passaram ou passam**



marido violento; JESSICA ATHAYDE com outros atores do elenco de *Mulheres*, na apresentação da novela

# FORÇA de mulher

A gravar a nova novela da TVI, a atriz mostra-se chocada com alguns depoimentos sobre violência doméstica. **UM FLAGELO QUE JESSICA ATHAYDE PASSOU A CONHECER MUITO BEM.**

por situações idênticas?

Obviamente que fiz o meu trabalho como atriz, mas a partir do momento em que há alguém que está na disposição de falar sobre um problema pessoal, eu estou lá para ouvir. Sem julgar o que quer que seja, mas para perceber o porquê de muitas atitudes e decisões. Acho que para quem não passa por uma situação de violência doméstica é difícil de perceber muita coisa.

Isso quer dizer que acabou

por compreender melhor?

Sim, claro. Eu própria perguntava-me por que é que há mulheres que simplesmente não saem de casa, ou por que algumas aceitam viver uma vida assim, sem nunca denunciarem os maridos. Mas as histórias que ouvi eram, todas elas, diferentes.

O que é que encontrou de comum em todas as histórias que ouviu?

A verdade é que todas estas

mulheres têm uma força inacreditável, que aturam muito durante anos a fio e por amor, por incrível que possa parecer.

Como é que a Bárbara reage?

A personagem é muito positiva, bem-disposta, acredita na felicidade. Há ali uma balança, em que, num prato tem a violência por parte do marido, mas, por outro lado, vai à luta.

E a Jessica como encara tudo isto?

É muito pesado, não vou esconder. Os primeiros dias que passei na APAV, a ouvir histórias, fui para casa com enxaquecas. ■

Textos: Rita Leal; Fotos: Nuno Moreira e Tito Calado

## Uma SOGRA DO PIOR

Como se já não bastasse a personagem de Jessica Athayde sofrer horrores com o marido, há ainda *Quitéria*, personagem interpretada por **CÁRMEN SANTOS**, que lhe inferiza a vida. "A Bárbara casou com o Jorge e acabou por ir viver com o marido e a sogra. Esta não é uma pessoa fácil, mas acho que nenhuma sogra é [risos]. Isto é o meu sentido de humor. Por vontade do marido, a Bárbara não fazia nada, era dona de casa", conta a atriz.







NOVELAS

mulheres

Estreia  
domingo, dia 1A  
actriz surge  
neste papel,  
em *Mulheres*,  
com um visual  
arrojado  
e sensual.

Interpretar uma personagem vítima de violência doméstica levou a actriz a estudar muito e a admirar ainda mais as mulheres que sofrem em casa...

TEXTO HUGO ALVES | FOTOS JORGE JACINTO

JESSICA ATHAYDE EM PAPEL  
EXIGENTE NA NOVA NOVELA DA TVIVIVER COM  
O DRAMA

Jessica Athayde anda a gravar intensamente *Mulheres*, novela que estreia domingo, dia 1 de Junho, na TVI. A actriz vai dar vida a Bárbara, uma mulher atormentada pelo marido, Jorge (Luís Gaspar), que, para impor o seu respeito, lhe bate frequentemente - em casa do casal, vive, ainda, Quitéria (Carmen Santos), a mãe do vilão, que nunca gostou da nora e que a atormenta diariamente, não a protegendo da brutalidade do marido.

A *TV Guia* assistiu a mais um dia de gravações de *Mulheres*. As cenas foram gravadas numa zona da Ajuda, com Jessica Athayde a levar a sua cadelinha, Lurdes, que esteve atenta a todos os passos da dona - aliás, a actriz aproveitou uma pequena pausa na novela da TVI para brincar com ela. Mas vamos à ficção.

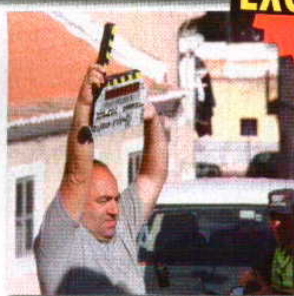
Para o papel de Bárbara, uma mulher que sofre violência doméstica, Jessica Athayde recorreu à APAV para melhor entender a realidade portuguesa. "Falei com algumas pessoas que passaram por este drama... É horrível!", diz a actriz à *TV Guia*, assegurando ter ganho ainda





Os poucos transeuntes que passaram não tiraram os olhos da bonita actriz.

**FOTOS EXCLUSIVAS**



Luis Gaspar dá vida ao "marido" de Jessica, que morre de ciúmes da mulher e que, por isso, exerce violência física sobre ela.

## A amante...

As imagens do caso de Armando (Manuel Wiborg) surgem logo no primeiro episódio. O taxista despacha a mulher, Margarida (Maria Rueff), sem qualquer cumprimento e segue viagem... mais uns metros onde está a amante, Mónica (Sofia Ribeiro). Ela entra no táxi e beija o amante apaixonadamente antes de seguirem para uma pensão onde fazem amor. "Ela é uma mulher cheia de garra" diz Sofia. "Ela apanha o homem que quer e começa logo a fazer ultimatums."



Manuel Wiborg faz o papel de um taxista que já não gosta da mulher...



... papel a cargo de Maria Rueff, que se sente abandonada. Por seu lado, Sofia Ribeiro é a mulher que conquista o taxista, graças ao corpo.



uma maior consideração pelas mulheres que se vêem obrigadas a ficar com os maridos, mesmo depois de passarem por situações extremas: "Muitas não têm emprego, vivem em situações precárias e vêem-se obrigadas a permanecer naquela situação. Há muitos casos e é muito triste!"

Jessica já gravou várias cenas com o colega Luis Gaspar, mas ainda "sem percalços". Apesar disso, a actriz diz ter já algumas marcas no corpo, que demonstram todo o seu empenho... até porque há muito desejava voltar aos papéis dramáticos. "Estive a fazer personagens mais cómicas durante muito tempo. E,

quando a TVI me disse que tinha um papel para mim nesta novela e me disse que era dramático, fiquei supersatisfeita. Ainda para mais porque é também físico. Estou feliz! Estou a entregar-me a ele a 100 por cento", explica a ex-namorada de João Manzarra, que foi obrigada a regrear algumas cenas, recentemente, por ordens de José Eduardo Moriz, tal como a nossa revista explicou há duas semanas.

É que o papel pertencente agora a Carmen Santos já foi de Helena Isabel, entretanto desviada para outra trama da TVI. "Ela não se queixou... Está tudo empenhado nesta novela. Todos querem mostrar que podem voltar a ser líderes na ficção", explica fonte da Plural.

## RUPTURA E ROMANCE

Do que Jessica Athayde se recusa a falar actualmente é da sua vida pessoal. O ex-namorado, João Manzarra, continua a ser assunto tabu, assim como Francisco Rebelo de Andrade, com quem já foi vista algumas vezes em clima de romance, nas últimas semanas.

## Entrevista a Rueff

A TVI está a apostar fortemente na novela *Mulheres* para derrotar a SIC. Tanto é que Maria Rueff, que regressa ao género após sete anos de ausência, foi entrevistada por Judite Sousa, em *Judite Entrevista*, a semana passada, na TVI24







# Bárbara descobre que ESTÁ GRÁVIDA!

A história da próxima novela da TVI passa-se em volta de sete casais lisboetas que vivem diferentes desafios nas suas relações. Todos têm problemas para resolver, uns mais graves, outros mais comuns e previsíveis, alguns puramente egoístas. Entre eles, estão Bárbara, de 33 anos (Jessica Athayde), e Jorge (Luís Gaspar). Ela é uma mulher sonhadora, presa num casamento onde não é feliz. Mudou-se de Beja para Lisboa com aquele que viria a ser seu marido, iludida com promessas de um futuro na área da moda, mas depressa a sua vida passou a resumir-se a uma dependência total de um marido violento. Sem que isso seja consciente, repete o ambiente familiar pesado em que cresceu. Jorge é violento, abusivo e controlador, o que não impede que seja manipulado pela mãe,

Quitéria, que insiste em virá-lo contra Bárbara. Para agravar a situação, ela está desempregada e tenta a todo o custo arranjar emprego. "Apesar do lado leve e divertido da Bárbara, ela esconde o grande problema que está a viver em casa, que é a violência doméstica. A preparação da personagem tem sido muito intensa, tive um apoio gigante da APAV e também fiz imensa pesquisa sobre o tema. Mesmo sendo ficção, sinto a responsabilidade de dar a maior verdade a esta história", afirma a atriz, confessando que "é a personagem mais completa que já tive e, sem dúvida, o meu maior desafio".

## TESTE POSITIVO

Nesta cena, a que a ANA assistiu, ela prepara-se para ir a uma entrevista de emprego. Já no local, a psicóloga informa que o currículo de Bárbara não preenche os requisitos pretendidos,

**Na próxima novela da TVI, Jessica Athayde dá vida a uma mulher vítima de violência doméstica, que vê a sua vida piorar a partir do momento em que descobre que está à espera de bebé.**

deixando-a muito desiludida. Pouco depois, compra uma revista e, quando se prepara para lê-la, começa a sentir-se enjoada e decide entrar na farmácia, onde pede um medicamento. A farmacêutica sugere que Bárbara possa estar grávida e aconselha-a a fazer um teste. Ela compra o teste e, de seguida,





senta-se num banco do centro comercial, segurando o saco com o teste de gravidez na mão, indecisa se o deve fazer ou não. Quando se decide, levanta-se e caminha na direção da casa de banho. Abre o saco, preparando-se para fazer o teste. Momentos depois, percebe que o teste deu positivo. A mulher

de Jorge chora, nervosa e confusa com a situação. A empregada percebe que algo se passa com Bárbara, que admite estar grávida. A empregada felicita-a, mas esta não sabe o que fazer e teme a reação do marido. Uma coisa é certa: a partir daqui, a vida desta mulher nunca mais será a mesma... **A**

Texto: Neuza Silva

## BASTIDORES

Nas gravações, a atriz recebe os últimos retoques de penteado







DE CARAS JÉSSICA ATAHYDE

{ 28 anos

# "FIQUEI A SABER DE MUITAS **HISTÓRIAS PERVERSAS E ARREPIANTES**"

A atriz tem pela frente "o maior desafio" da sua carreira ao dar vida a uma mulher vítima de violência doméstica, em *Mulheres*, que se estreia dia 1. Jéssica admite que o contacto com esta realidade tem sido difícil de digerir e que esta novela vai meter os portugueses em contacto com famílias reais. Por Ana Lúcia Sousa Fotos Miguel Ângelo

A novela *Mulheres* estreia-se na TVI a 1 de junho. Quem é a Bárbara, a personagem que interpreta?

A Bárbara é uma mulher com uma vida complicada. Tem um casamento infeliz com o Jorge [Luís Gaspar] e vive num clima de violência do-

méstica. Mas é também uma mulher bem disposta, uma lutadora e sonhadora. Só se percebe que ela sofre de maus tratos pelas marcas que ele lhe deixa no corpo. Parece um contrassenso esta parte de ela ser bem disposta, mas não é. A primeira vez que eu vi esta descrição

também me causou algumas dificuldades, mas depois consegui perceber e faz sentido.

**Como se preparou para esta personagem?**

Estive na APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), que tem um papel gigante na construção desta personagem. Foi importante porque me pôs em contacto com uma realidade que eu desconhecia. Se eu não tivesse lá ido e se me tivesse baseado apenas em filmes ou depoimentos de alguém que conhece alguém, seria muito diferente, não chegava lá. A verdade é que eu não estava tão consciente como pensava da grande taxa de mulheres que sofrem de violência doméstica, nem das histórias pavorosas que existem. O primeiro dia que passei na APAV, ainda mesmo sem conversar com nenhuma vítima, saí de lá maldisposta, parecia que tinha levado um murro no estômago.

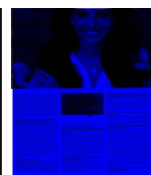
**Quanto tempo demorou essa preparação?**

Nunca temos muito tempo, mas por acaso nesta novela foi a que tive mais para me preparar. Estou a falar de um mês e meio, já incluído o trabalho de bastidores, ensaios... Quem me pôs em contacto com a APAV foi o Luís Gaspar, que é o meu agressor, nós inicialmente fizemos um processo juntos. Achámos que ia funcionar melhor para as nossas personagens. E ajudou-nos bastante.

**Cada vez mais se fala de violência doméstica. Os números continuam a crescer. Foi uma realidade que lhe custou conhecer...**

Fui para lá com vários textos e várias situações que existem na novela. E levei-os a achar que não faziam sentido, porque para mim era um contrassenso uma mulher dizer que quer ir em-





bora de casa e largar o agressor, mas depois nunca vai. Achei que era só mesmo ficção, mas não é. Neste caso a realidade ultrapassa a ficção, há mulheres que passam a vida inteira a dizer que vão embora, mas não vão, porque no fundo gostam do marido, do namorado ou do companheiro que lhes faz mal. É difícil perceber, achei que as mulheres não iam embora porque não tinham condições financeiras para se sustentarem, mas nunca pelo sentimento de amor pelo agressor.

#### **Foi o que mais a surpreendeu nesta pesquisa que fez para construir a Bárbara?**

Surpreendeu-me bastante esta realidade. Mas não só. São muitas as histórias. Uma mulher que passa anos e anos de maus tratos tanto físicos como psicológicos, com várias idas ao hospital... Uma mulher que foi espancada, quase até à morte e depois ia ver o agressor à prisão, por exemplo. Ela não conseguia livrar-se deste inferno e todas as quintas e domingos ia visitá-lo. Fiquei a saber de muitas histórias perversas, doentias e arrepiantes. Uma das histórias mais impressionantes que ouvi foi a de uma jovem mulher que já estava casada há algum tempo e em que já havia uma criança envolvida. Portanto, esta criança estava a assistir a isto tudo, é arrepiante sujeitar uma criança a esta violência e ambiente.

#### **Foi um trabalho difícil?**

Foi. Se calhar o mais difícil que tive até hoje, porque isto é muito real. Eu tenho estado muito ligada a personagens mais cómicas e levianas, que não têm nada que ver com a Bárbara. Esta é 100% real, muito verdadeira e crua, aliás toda

### **“PASSEI A OLHAR PARA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE OUTRA FORMA. TINHA A ILUSÃO DE QUE OS HOMENS ERAM CLINICAMENTE DOENTES”**

esta novela trata de situações muito reais, não há um núcleo cómico, por exemplo.

#### **Depois de contactar com algumas vítimas, mudou a forma de olhar para a violência doméstica?**

Sim, literalmente. Passei a olhar para a violência doméstica de outra forma. Tinha a ilusão de que os homens eram clinicamente doentes ou que sofriam de alcoolismo, mas não é assim... Nunca achei que fossem homens normais, que os ciúmes os tirassem do sério e fizessem esta brutalidade. É sempre um crime um homem levantar a mão a uma mulher ou ao contrário, porque apesar da taxa ser menor, também existe mulheres que batem em homens.

#### **Pode dizer-se que este é o maior desafio da sua carreira até hoje?**

Sim, o mais possível. Isto é muito real. E estou a tentar ao máximo ir pelo lado mais real que consigo. Claro que isto é ficção e há uma coisa ou outra que é um tiro ao ar, não há volta a dar e nós não conseguimos controlar.

#### **Acha que as pessoas vão olhar para uma Jéssica diferente, mais mulher e madura?**

Esta personagem é muito jovem também, a diferença para as outras é o tema, que é sério. Não sei se as pessoas vão olhar para mim de forma diferente, mas eu quero que olhem para a Bárbara e que retirem dela alguma coisa.

#### **O que é que esta novela tem de diferente das outras?**

Acho que é uma novela muito real. Não há o Zé da mercearia, ou as falidas da pensão ou a Fernanda mecânica. Todas as personagens são muito reais, podiam ser os vizinhos do meu prédio.

#### **Consegue desligar-se da personagem quando sai dos estúdios?**

Já entrou na minha vida. Gravar esta personagem, fisicamente, tem sido uma brutalidade. Se eu a gravar estas cenas, que são ficcionadas, já fui umas quantas vezes ao osteopata, já tive os braços e os joelhos cheios de nódoas negras e tive um torcicolo gigante..., nem quero imaginar o retrato de uma mulher que passa por estes maus tratos e que no dia a seguir se levanta e vai trabalhar com um sorriso na cara. E atenção, nós gravamos as cenas com bastante cuidado. Tiro o chapéu às mulheres que conseguem suportar isso, eu “a brincar” a esta personagem mal me mexo no dia seguinte. É um sacrifício continuar a gravar no dia a seguir porque às vezes estou mesmo dorida. O Luís às vezes magoá-me e ele toca-me a 25%, se fosse mesmo a sério, nem sei.

#### **Disse que foi várias vezes ao osteopata. O que lhe aconteceu?**





## DE CARAS JÉSSICA ATAHYDE

«Dei um mau jeito numa das quedas que estava a gravar e, quando me voltei, virei o pescoço e fiz uma distensão muscular. Fui a uma osteopata, que me atendeu nessa mesma noite, andei com umas fitinhas azuis nas costas. Estar um dia inteiro a ser abusada emocional e fisicamente, e a ter sempre uma reação contida, porque ela não diz o que sente, é duro. Saio de rastos das gravações, apareceram-me enxaquecas com esta personagem, nunca tinha tido. E, agora, a partir das quatro da tarde, já tenho de tomar uns comprimidos... também passo o dia a chorar.

### Tem alguma fuga para recuperar a energia que perde nas gravações?

Sim, a verdade é que o ritmo das gravações tem sido alucinante. Como qualquer pessoa, quando tenho um dia menos bom, por mais que às vezes saia das gravações contente com o que fiz, porque correu tudo exatamente como eu queria, sinto-me cansada. E faço um esforço quando chego a casa para calçar uns ténis e dar uma corrida com os cães, ir jantar... se bem que a minha cara parece uma bolacha, que é o que tem acontecido [risos].

muito. E é claro que estou muito contente por continuar a trabalhar com a TVI.

### Esta é uma das novela que José Eduardo Moniz acompanhou de perto e fez algumas alterações, como aconteceu com o *Beijo do Escorpião*. Ele fazia falta à TVI?

Comecei com o José Eduardo Moniz e gosto muito dele, mesmo em termos pessoais. Comecei com ele, com a Gabi [Gabriela Sobral que está na SIC] e com o Luís Cunha Velho, que continua na TVI. Mas também tenho uma relação com a Helena Forjaz, que pega no telefone para me dizer o que está a achar do meu trabalho. E é bom sentir isso na casa onde estamos.

### É esta a novela que vai conseguir recuperar a liderança da TVI na ficção nacional, uma vez que a SIC tem estado a ganhar quase todos os dias?

Pois é verdade. Eu não sei se vai ser líder de audiências, há novelas que têm certas receitas e que à partida nós sabemos que vão ser. Esta é diferente, não sei como será, depende da reação das pessoas. Mas esta é uma boa

novela, é muito real. Se calhar não é para toda a gente, nem toda a gente está preparada para ver os problemas que tem em casa, na televisão.

### Mas isso pode ser um ponto a favor...

Nem que seja secretamente as pessoas vão acabar por ver. Acho essencialmente que é uma boa novela, e fazia falta ter uma novela assim. Espero que seja líder de audiências, mas o mais importante para mim é o trabalho que estamos a desenvolver. Para mim, enquanto atriz, tem sido espetacular. Estamos todos no mesmo sentido, focados em fazer um bom trabalho e uma boa novela.

### Preocupa-o o facto de a SIC estar a liderar a ficção, quando esse lugar foi ocupado durante muito tempo pela TVI?

Nada mesmo. Sou atriz, claro que quero sempre que a TVI continue a fazer ficção e que faça melhor e mais. Mas acho ótimo que a SIC, RTP1, RTP2 ou canais por cabo façam ficção. Há muitas pessoas sem trabalho, há muitos atores, técnicos e realizadores que não têm qualquer tipo de rendimento ao final do mês, por isso para mim é sinal que vai haver trabalho para mais pessoas.

### A par da novela, continua a alimentar o seu blogue *Jessyjames.pt*...

Adoro o meu blogue, mas não tenho conseguido escrever nele todos os dias. Não vou a tantos sítios, nem estou com tantas pessoas, estou rodeada de coisas para partilhar, mas acabo por estar limitada porque não posso revelar muitas coisas da novela. No Facebook escrevi um post sobre *Mulheres*, e as pessoas pedem para eu mostrar os meus *décors*, as minhas maquilhagens e isso é bom. Mas não consigo ter a dedicação que tinha antes, mas o blogue é um projeto vivo.

### É também uma forma de estar em contacto com o público e ter a opinião das pessoas que a veem?

Sim, se bem que esta personagem já está muito definida, houve alturas em que pedi ideias de ditados, ou pedi experiências, mas esta já não dá para isso.... Mas acredito que haja pessoas que me procurem mais tarde, quando a novela já estiver no ar, porque há uma grande percentagem de violência entre jovens. Isto começa muito cedo. Acredito que através das redes sociais, que são o forte das mulheres mais jovens, é possível que se cheguem à frente para me falarem de situações que têm em casa também. Isso será interessante para mim, quantos mais testemunhos de violência doméstica tiver, melhor para a minha personagem.

### Ou também uma oportunidade de dar algum conselho?

Não sei se sou a pessoa mais indicada para dar conselhos sobre este assunto, mas sinto que posso pôr as pessoas em contacto com a APAV e ajudar assim na divulgação deste problema. **NTV**



### Já tinha saudades de dar vida a uma personagem?

Já tinha. Tive uma paragem para férias que acho que foi mesmo na altura certa. Não sei porquê, mas acho que estava a precisar de ter uma personagem assim.

### É das poucas atrizes que renovou contrato de exclusividade. Sente-se uma sortuda?

Claro que me sinto uma sortuda, mas não dou nada como adquirido. Trabalho e esforço-me

**"CLARO QUE ME SINTO UMA SORTUDA, MAS NÃO DOU NADA COMO DADO ADQUIRIDO. TRABALHO E ESFORÇO-ME MUITO"**



## GIL DIONÍSIO E JOANA GUERRA NA APAV

· 12 MAI 2014 · 18:29 ·



O Espaço APAV & Cultura recebe no próximo dia 22 de Maio a dupla Gil Dionísio e Joana Guerra, violinista e violoncelista, num espectáculo intitulado *Violinos, Violoncelos e Outras Cantigas*. Será a terceira vez que ambos se apresentam num mesmo palco e o mote será o da improvisação musical, crua e pura. Entrada livre.



**REPSOL** Repsol apoia instituições  
de solidariedade social

A Repsol Portugal realiza, no próximo dia 2 de junho, às 10 horas, na Estação de Serviço Repsol em Algés, a cerimónia pública de entrega de donativos a favor de seis instituições de solidariedade social no âmbito do projeto “Cartão Solidário”. Estará presente António Calçada de Sá, presidente e administrador delegado da Repsol Portugal.